

IROKO, LOKO: O EIXO DO MUNDO E A MORADA DOS DEUSES.

Vinicius VASCONCELOS CASTRO¹

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

RESUMO

O conto: *A árvore de Iroco* encontra-se no livro Infanto-juvenil: *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*, paradidático voltadas para as séries do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental sendo editado e distribuído pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2011, tendo como autor Adilson Martins e ilustração de Luciana Justiniani Hees. Nossa escolha recaiu sobre este conto devido o fato deste apresentar uma árvore como representação do divino, assim pretendemos dialogar com o legado cultural dos yorubá e a literatura afro-brasileira, tendo como pertencimento a identidade negra. Como metodologia de abordagem deste texto literário utilizaremos os pressupostos da história cultural. Contudo, pretendemos vincular este artigo a prática docente tendo como base a Lei 11.645/08.

PALAVRAS-CHAVES: Contos Africanos; Sagrado; Cultura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The story: A tree Iroco is in the book Children and Youth: *Erínlè the hunter and other African tales*, paradidactic geared for grades 6th grade to 9th grade elementary school being edited and distributed by the National Library School Program - PNBE 2011, with the author Adilson Martins and illustration of Luciana Justiniani Hees. Our choice fell on this story because of the fact that this display as a tree representation of the divine, so we intend to engage with the cultural legacy of the Yoruba and African-Brazilian literature, and as belonging to black identity. The methodology of this approach literary text we use the assumptions of cultural history. However, we intend to link this article to teaching practice based on the Law 11.645/08.

KEYWORDS: African tales; sacred; Afro-Brazilian culture.

¹ Possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB e Especialização em Ciências da Religião pela Faculdade Integradas de Patos - FIP. Atualmente é aluno do curso de Especialização para as Relações Étnico-raciais, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e aluno do curso de especialização em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil e Antropologia das Populações Afro-Brasileiras. Email: vinniciusvasconcelos@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe analisar o conto: *A árvore de Iroco*, de autoria de Adilson Martins² e ilustração de Luciana Justiniani Hees³, que se encontra no livro *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*, publicação com o objetivo de ser um livro paradidático infanto-juvenil e que é recomendado pelo Ministério da Educação para o 6º ao 9º ano do ensino fundamental sendo distribuído pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2011, composto por várias obras literárias.

No livro mencionado anteriormente, Martins (2010), se propõe apresentar uma outra África, nossas raízes africanas, tendo em vista que grande parte do nosso povo é descendente de africanos, assim precisamos conhecer a história, os costumes e as crenças de nossos antepassados. Os personagens desta obra têm nomes africanos; os animais e as plantas são nativos da África; entretanto os temas apresentados são universais. Alguns contos procuram explicar a origem de certas coisas, outros contos que falam de recompensas e castigos, ou do valor da esperteza para enfrentar as dificuldades⁴.

Esta publicação é composta por oito pequenos contos, narrativas agradáveis e divertidas. Segundo o autor na apresentação deste livro, essas histórias são perfeitas para serem contadas para os filhos, para os alunos e para os amigos. São também contos profundos, que ensinam e transformam o ouvinte e o contador. Para Cossan (2009), a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo, assim no exercício da prática docente o texto literário nos “transforma”, “corta” e “sangra”. Podemos ser outros, podemos viver como outros, rompendo os limites do tempo e do espaço⁵. Dos contos que compõe a obra *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*, escolhemos para analisar o primeiro deles,

² Nascido no dia 23 de setembro de 1940, no centro do Rio de Janeiro, em um lindo sobrado de uma rua pequenina que não existe mais, chamada Travessa Costa Velho. Já escreveu vários livros, entre os livros infantis, que mais gostou foram – *Lendas de Exu*, *O papagaio que não gostava de mentiras* e outras fábulas africanas e *Erinlé, o caçador e outros contos africanos* -, foram especialmente feitos para sua neta Camila. Adilson, MARTINS. *Erinlé, o caçador e outros contos africanos*. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2010. p. 38.

³ Nascida no Rio de Janeiro passou sua infância no nordeste e parte da adolescência no norte do Brasil. Iniciou sua formação em artes plásticas na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas é formada em Desenho Industrial. Atualmente trabalha em uma ONG internacional: desenvolvendo estratégias e peças de comunicação para comunidades que têm língua e cultura diferentes da ilustradora. Adilson, MARTINS. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. op. Cit., p. 39.

⁴ Adilson, MARTINS. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. op. Cit., p. 8 - 9.

⁵ Para uma melhor compreensão ver: Rildo COSSAN. *Letramento Literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17.

intitulado: *A árvore de Iroco*, nossa escolha recaiu sobre este conto por que, para a cultura Yorubá, o Iroco “é uma árvore sagrada: suas raízes mergulham no fundo da terra, sua copa atinge o céu e ela vive eternamente. Por isso, é o eixo do mundo e a morada dos deuses”. (MARTINS, 2010, p. 12.)

Nesta análise recorreremos ao conceito de símbolo de Bourdieu (1989), para o qual o poder simbólico é analisado como instrumento de conhecimento e de comunicação, como um poder subordinado, irreconhecível e transfigurado que descreve as relações sociais como relações de força e dos modelos pré-estabelecidos pelo ser social, além das representações que lhe estão associadas, como a de descrever os processos nos quais os conceitos são produzidos⁶.

Outro conceito presente seria o de representação de Chartier (1988), onde o mesmo busca criar um espaço de trabalhos entre textos e leituras, no intuito de compreender as práticas que constroem o mundo como representação. Procuramos assim, se inspirar nas metodologias da história cultural, que conciliam novos domínios de investigação, como construção de uma realidade social com práticas ou apropriações que constituem as configurações sociais.

Segundo Pesavento (2004), no campo da Nova História Cultural, foram deixados de lado concepções de viés marxista, pois a mesma relata que a cultura era vista como integrante da superestrutura, como mero refluxo da infraestrutura, ou a cultura como manifestação superior ao espírito humano e, portanto, sendo domínio das elites. Para Pesavento (2004), a Nova História Cultural esta trazendo outra forma da história tratar a cultura, não sendo mais uma mera história do pensamento, onde os estudos estavam voltados para os grandes nomes e de uma dada corrente ou escola⁷.

Ao utilizarmos os referentes teóricos e metodológicos da História Cultural adotamos a definição desta de Pesavento (2004), que a define como uma reinvenção do passado e que se constrói na contemporaneidade. Sendo assim, é com esta perspectiva que procuramos analisar os elementos culturais presentes neste conto e a simbologia presente na árvore Iroco.

⁶ “As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em formas a transfigurada o campo das posições sociais”. Pierre, BOURDIER. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1982. p.11.

⁷ Veja mais em: Sandra Jatahy PESAVENTO. *História e História Cultural*. São Paulo: Autêntica 2004. p. 15, a mesma analisa a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens como forma de explicação do mundo.

Contudo, verificamos que o conto aqui analisado serve de base para futuros trabalhos da prática docente em história, possibilitando diferentes olhares sobre a cultura Yorubá, sugerindo aos professores/as abordar esta perspectiva em sala de aula, ou não.

Ademais, o ensino de história e da diversidade cultural, não está mais centrado em um currículo dito superior, voltado para a “civilização” de matriz européia, lança-se sob uma nova perspectiva de estudos e trabalhos em sala de aula voltados para as culturas de matriz africana e indígena, fazendo valer-se da implementação da Lei 11.645/08. Nesta nova perspectiva, a LDBEN no seu artigo 26, § 1º, define que os conteúdos programáticos incluirão aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir de dois grupos étnicos, tais como o estudo da História da África e dos africanos, além da luta dos negros e dos povos indígenas brasileiros⁸.

O EIXO DO MUNDO E A MORADA DOS DEUSES

De acordo com o Martins (2010), contar e ouvir histórias é uma das melhores coisas da vida, assim o ouvir e ler histórias são formas de aprender, “quanto mais lemos, mais conseguimos entender um texto grande e cheio de detalhes”. (MARTINS, 2010, p. 7).

“Antigamente, havia no mundo muitos povos que não tinham criado uma forma de escrita. E, mesmo em sociedades com escrita, costumava haver uma parte grande da população que não sabia ler nem escrever. Então, a forma de ensinar e aprender a história do povo, seus costumes e sua religião era contando e ouvindo histórias⁹”.

Verificamos a partir da leitura do fragmento de Martins (2010), a importância da tradição oral para as religiões de matriz animista africana. Para Mata (2010), às tradições orais, como as questões de origem do universo e do homem, não ocupam questões de

⁸ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394 de 20 Dezembro de 1996.

⁹ Adilson, MARTINS. Erinlé, o caçador e outros contos africanos. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2010. p. 7.

destaque no sistema religioso de matriz animista africana, o mesmo destaca que esta tarefa é desempenhada pelos contos transmitidos oralmente.

Segundo Verger (1999), um das primeiras árvores cultuadas era Iroko, que, em si, não se apresenta como árvore sagrada, apenas o sendo quando serve de assento a uma divindade. Para Bosman (apud VERGER, 1999), ao referir-se a representação da árvore como divindade, ele nos fala que, existem, três divindades principais, conhecidas no Daomé¹⁰;... A segunda são árvores, extraordinariamente altas e que parecem ser a obra-prima da natureza. Contentam-se em fazer-lhe oferendas em caso de doenças e, sobretudo, nas ocasiões em que há febres.

Richard Burton (apud VERGER, 1999), destaca que na cidade de Ouidah¹¹ o segundo (deus)¹² é representado por árvores soberbas e altaneiras, em cuja formação a Mãe Natureza parece ter exprimido sua grande arte. Fazem-lhe orações e oferendas nas épocas de doenças e, sobretudo, de febre. Para Verger (1999), um negro que deseja cortar uma dessas árvores deve, antes de qualquer coisa, oferecer um sacrifício de frangos e de azeite de dendê. Além do mais, a infusão das folhas do Iroko é usada como ordálio para detectar todo crime oculto.

Encontramos em Verger (1999), uma referencia a divindade Loko, ou seja, o deus das árvores, assim tendo as árvores almas, isso explica a importância do emprego das folhas na prática medicinal e religiosa no Daomé. “Se alguém souber o nome e a história de todas as folhas da mata, saberá tudo o que existe para saber a respeito da religião daomeana”. (VERGER, 1999, p. 519). Nina Rodrigues (apud VERGER, 1999), argumenta que a fitolatria africana na Bahia parece ter duplo sentido. A árvore pode apresentar como fetiche animado, ou, ao contrário, mal representa a morada ou altar de um santo. No Brasil, e principalmente na Bahia, a gameleira (ficus religiosa), árvore abundante neste estado, segundo Nina Rodrigues (apud VERGER, 1999), é o tipo da planta Deus, e que, com a nomenclatura Iroco é objeto de um culto fervoroso.

Para Berkenbrock (2012), o Orixá Iroko permaneceu no Candomblé brasileiro mais como lembranças do que propriamente como culto. Segundo este autor, Iroko era o Orixá do carvalho africano e por extensão o Orixá das árvores em geral. Assim, em honra a Iroko há em muitos terreiros o costume de se levantar uma árvore ou um mastro, diante do qual são colocadas as oferendas. Além do mais, este Orixá não é mais incorporado durante o culto, o

¹⁰ Nome do estado atualmente conhecido como Benim.

¹¹ É uma cidade localizada na costa Atlântica ou costa ocidental africana, atual República de Benim. Conhecida também como: Ouidá, Whidah, Hweda, Uidá ou Ajudá.

¹² Após a serpente.

que leva a supor que a ele não há mais iniciados. Segundo Albuquerque Júnior (2013), os mitos são históricos, pois além de se constituírem de uma forma, esta sujeitos ao nascimento e morte em dados contextos históricos, além da articulação mítica as as concepções políticas, filosóficas e estéticas. “O mito é, portanto, uma ideia-em-forma”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 25).

No conto por nós analisado Martins (2010), enfatiza que nas florestas africanas existe uma árvore conhecida pelo nome de Iroco. Contudo, os nativos evitam chegar perto dessa árvore porque, acreditam, que nela mora o espírito de um homem muito velho que anda ao seu redor durante a noite, carregando nas mãos uma tocha acesa para assustar os viajantes. Martins (2010), resalta que a lenda conta que qualquer pessoa que olha o rosto de Loko, o espírito do velho, enlouquece e morre rapidamente. Por ser uma árvore frondosa, imensa e de galhos enormes, o Iroco atrai os lenhadores, que se sentem tentados a derrubá-lo para que obtenham boa madeira¹³.

Além do mais, o cortar uma árvore é considerado garantia de má sorte, pois o lenhador que ousa cortar o Iroco será perseguido, assim como toda a sua família, pelo espírito que habita a árvore. Para Martins (2010), a sabedoria oral dos mais velhos, argumenta através dos seus conhecimentos que na casa onde existem móveis ou objetos feitos com a madeira do Iroco, ouvem-se durante a noite, gemidos e ruídos estranhos, feitos pelo espírito que, preso à madeira, reclama por não poder vagar pela floresta carregando a sua tocha¹⁴. Verificamos no texto certo tom educativo em relação ao homem e a natureza, preservando assim as matas e as florestas da devastação humana, introduzindo na mentalidade do homem o “medo”, como forma de proteção das riquezas naturais, aqui em questão uma árvore que se apresenta como morada do divino.

Em relação a simbologia da árvore temos em Chevalier & Gheerbrant (2007), que a mesma é símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade.

“A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a

¹³ Adilson, MARTINS. Erinlé, o caçador e outros contos africanos. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2010. p. 11.

¹⁴ Adilson, MARTINS. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. op. Cit., p. 12.

superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu¹⁵”.

Chevalier & Gheerbrant (2007), a árvore é considerada como símbolo das relações que se estabelece entre a terra e o céu. Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu. Sendo assim o eixo do mundo, reunindo todos os elementos: a água que circula com suas seivas, a terra que entrega o seu corpo através das raízes, o ar que lhe nutre as folhas e da sua madeira que através do atrito brota-se o fogo. Para Martins (2010), Iroco é o nome de uma árvore que existe em muitos países da África, desde a Costa do Marfim até Moçambique, podendo chegara a cinquenta metros de altura e à largura de uma casa, tendo uma vida longa e que o grande morcego africano (o morcego-palha ou raposa-voadora) come os frutos do Iroco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Martins (2010) amplia este campo de influência e de discussão da cultura africana e afro-brasileira através de sua obra, a questão apresentada por este autora é muito mais ampla, a literatura infantil empregada pelo mesmo na forma de conto, pode, ou não, ser implantada como forma de diminuição do preconceito étnico e cultural. Sendo assim considero louvável o seu trabalho, entretanto, vejo este suporte como um auxílio na prática docente, fazendo valer a “implementação” da Lei 11.645/08, que alterou o artigo 26 – A da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Desta forma, considero este texto como apenas uma, entre tantas possibilidades de trabalhos voltados para as relações étnico-raciais.

Outrossim, Munanga (2012), apresenta outras possibilidades de análise da educação no Brasil, nos apresentando uma reflexão sobre a herança social de um povo, em especial, crianças negras, pois de acordo com o autor citado anteriormente, a memória que lhe inculcam não é a de seu povo; a história que lhe ensinam é outra. Substituição dos ancestrais africanos por imagens do colonizador. “... Os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve e do inverno que nunca viu, da história e da geografia das

¹⁵ Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 84.

metrópoles; o mestre e a escola representam um universo muito diferente daquele que sempre a circundou”. (MUNANGA, 2012, p. 35). Como construir uma identidade de pertença negra na escola? A transformação da prática docente introduzindo as temáticas étnico-raciais em sala de aula é um das possibilidades da descolonização da mente, apresentando outro olhar da cultura de um povo escravizado, negado e descolado, a margem da construção histórica, assim a literatura serve de base para desconstruir o legado negativo, historicamente construído a respeito de um determinado grupo étnico entre eles: os Yorubá, Nagô, Banto, entre outros.

Assim Martins (2010), apresenta uma “outra” relação do homem com o divino, aqui representado por uma árvore. No seu texto este autor não apresenta referências bibliográficas, eis que suas palavras surgem do nada, assim deixo o meu texto em aberto, compilado, costurado nas palavras de Martins (2010), pois “sem palavras” não há comunicação. Contudo a narrativa dar-se-à pela junção da palavra, do outro, ou não, finalizo, talvez, este breve texto com uma citação de Prandi (2001), e deixo as indagações e questionamentos soltos, para futuras leituras, ou não.

“No começo dos tempos, a primeira árvore plantada foi Iroco. Iroco foi a primeira de todas as árvores, mais antiga que o mogno, o pé de obi e o algodoeiro. Na mais velha das árvores de Iroco, morava seu espírito. E o espírito de Iroco era capaz de muitas mágicas e magias. Iroco assombrava todo mundo, assim se divertia. À noite saía com uma tocha na mão, assustando os caçadores. Quando não tinha o que fazer, brincava com as pedras que guardava nos ocos de seu tronco. Fazia muitas mágicas, para o bem e para o mal. Todos temiam Iroco e seus poderes e quem o olhasse de frente enlouquecia até a morte¹⁶”.

¹⁶ Reginaldo, PRANDI. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 164.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A Feira dos Mitos: Afabricação do Folclore e da Cultura Popular (Nordeste 1920 – 1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

BERKENBROCK, V. J. **A Experiência dos Orixás: Um Estudo sobre a Experiência Religiosa no Candomblé**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOURDIER, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1982.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 Dezembro de 1996.

COSSAN, R. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. São Paulo: Memória e Sociedade, 1988.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores e Números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

ELIADE, M. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARTINS, A. **Erinlé, o caçador e outros contos africanos**. [ilustradora Luciana Justiniani Hees]. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2004.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VERGER, P. F. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, Na África**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.